

## Ressignificação e Sentido: gírias LGBTQIA+

### *Resignificación y sentido: jerga LGBTQIA +*

Giovanna Alícia Camargo<sup>1</sup>

Monica Alvarez Gomes<sup>2</sup>

#### Resumo

O presente trabalho propõe investigar e refletir, principalmente sob a perspectiva da Semântica Cultural (SC), algumas construções de sentido de gírias da comunidade LGBTQIA+ e a resignificação de termos anteriormente considerados pejorativos e/ou muito marcados, com enfoque primeiro em expressões utilizadas para referenciar lésbicas. Para tanto, alguns exemplos específicos foram selecionados e submetidos à análise nos níveis de estruturação e atribuição de sentido, conforme os pressupostos da vertente cultural da semântica, que, segundo Ferrarezi Junior (2013, p. 71), estuda as relações de formação e atribuição dos significados de uma língua e a cultura na qual essa língua está inserida, seja de forma geral ou isolando um grupo de falantes. Ainda em fase inicial, a pesquisa foi desenvolvida a partir da observação da palavra “Sapatão” e reconhecimento de suas variantes, como “sapa”, “sapatilha”, “brejo” e “girina”, ressaltando os aspectos estruturais, sociolinguísticos, lexicais, as reconstruções de imagem e as implicações ideológicas.

Palavras-Chave: Semântica cultural; Gírias LGBTQIA+; Resignificação; Cultura; Língua Portuguesa.

#### Resumen

El presente trabajo se propone investigar y reflexionar, principalmente desde la perspectiva de la Semántica Cultural (SC), algunas construcciones de sentido de las jergas de la comunidad LGBTQIA + y el replanteamiento de términos previamente considerados peyorativos y/o muy marcados, con un enfoque primero en la jerga utilizada para referirse a las lesbianas. Para tal, fueron seleccionados y sometidos a análisis algunos ejemplos específicos a los niveles de estructuración y atribución de significados, de acuerdo con los supuestos del aspecto cultural de la semántica, que según Ferrarezi Junior (2013, p. 71) estudia las relaciones de formación y atribución de significados de una lengua y la cultura en la que esa misma lengua se inserta, ya sea en general o aislando a un grupo de hablantes. Aún en su fase inicial, la investigación se desarrolló a partir de la observación de la palabra “Sapatão” y el reconocimiento de sus variantes, tales como: “sapa”, “sapatilha”, “Sapatona”, “brejo” y “girina”, enfatizando los aspectos estructurales, reconstrucciones sociolingüísticas, léxicas, de imágenes e implicaciones ideológicas.

Palabras claves: Semántica cultural; Jerga LGBTQIA +; Resignificación; Cultura; Lengua Portuguesa.

### 1. Introdução

Refletimos sobre os sentidos quase sem perceber, seja sobre o significado da vida ou de forma científica voltada a um objeto específico, e não seria diferente com a língua e suas concepções, aqui nosso foco. Ademais, a língua e a linguagem podem ser relacionadas como grande parte da cultura, pois são elas uma de suas expressões. Explorada por algumas áreas das ciências humanas, como por exemplo a antropologia e filosofia, a relação entre sentido

---

<sup>1</sup> Graduanda em Letras Português/Espanhol; Universidade Federal Do Mato Grosso do Sul; Campo Grande, Mato Grosso do Sul, Brasil; [camargo.giali@gmail.com](mailto:camargo.giali@gmail.com).

<sup>2</sup> Doutora em Letras; Universidade Federal Do Mato Grosso do Sul; Campo Grande, Mato Grosso do Sul, Brasil; [malvarezgomes@gmail.com](mailto:malvarezgomes@gmail.com).

linguístico, cultura e papéis nos leva a ponderar sobre as estruturas sociais, comportamentais e ideológicas das comunidades de falantes.

Este trabalho visa a apresentar uma análise, ainda em desenvolvimento, ante os pressupostos da Semântica Cultural (SC), sobre os conceitos e concepções de sentido de gírias da comunidade LGBTQIA+ que foram ressignificadas de termos gerais, criados de forma pejorativa e sob estereótipos e que, atualmente, demonstram alteração de sentido. Dessa forma, algumas expressões que indicavam força e conotação negativa passam a ter outro *status*, ou seja, passam a ser palavras ou expressões que agora fazem parte do dialeto dessa comunidade específica apontada acima, e são utilizadas por esse grupo de forma natural.

É de suma importância considerarmos o rico material linguístico produzido por esses grupos, considerados minoritários, e que traduzem outras visões e reconfigurações de uma gramática já internalizada. Como objetivo, então, buscamos apresentar de que forma palavras como “Sapatão” e, talvez futuramente, “Veado” foram criadas, ressignificadas e ampliadas dentro da comunidade LGBTQIA+.

## 2. Metodologia

Para pensarmos em estudos culturais voltados para gênero e sexualidade, com algum tipo de relação na área das linguagens, buscamos uma teoria que pudesse trabalhar nosso *corpus* de maneira abrangente e que nos desse certo retorno. A SC foi a que nos apresentou o melhor método de análise, qual seja o de considerar o objeto em seus variados níveis de sentido em função do grupo cultural que o acessa.

O estudo foi estruturado seguindo inicialmente a proposta de análise presente no livro *Semântica, Semânticas* (BASSO; FERRAREZI JUNIOR, 2013) em seu capítulo dedicado à Semântica Cultural. Adicionalmente, recorreremos a outros estudos da área do discurso, como *Fórmulas discursivas* (2011) e *Éthos discursivo* (2008) para dar conta de alguns aspectos relacionados a ideologias, de um modo geral. Selecionamos o exemplo que pudesse trazer mais discussões sobre as gírias e os dialetos LGBTQIA+ e que fosse recorrente dentro da comunidade que estudamos.

Assim, a ocorrência mais conhecida e que foi de nosso interesse é o uso da palavra “sapatão”. Então, analisamos desde seu menor sentido, o usual e corriqueiro, até o maior, o contexto específico. Aqui, lembrando novamente, consideramos como a expressão foi criada e ressignificada. Dessa forma, observamos um percurso de uso e de atribuição de sentidos.

## 3. Resultados

Chegamos a alguns resultados decorrentes de uma primeira e superficial análise semântica: a palavra “sapatão”, em primeiro momento, nos remete a “sapato” que é um objeto do vestuário moderno, de sola dura e que cobre os pés. E “sapatão” como um aumentativo de sapato, sendo de forma sociocultural, associada ao vestuário masculino, de uso por homem cis, marca de sua masculinidade e macheza, um objeto grande, estereótipo facilmente identificado a essa figura masculina.

Em segunda análise, ao inseri-la em um contexto de dimensão linguística, como: “Você viu que a filha da sua vizinha é sapatão?”, notamos que “sapatão”, nesse sentido, não é mais um objeto usado nos pés, e para buscarmos entender melhor, levamos a palavra para o sentido do uso dentro de um contexto em um cenário cultural e extralinguístico.

No início do percurso, a denominação "sapatão" era associada a um perfil masculinizado e usado para a designação desse estereótipo de lésbica "macha", com apelo fortemente pejorativo. A mulher considerada "sapatão" usaria roupas consideradas masculinas; sapatos grandes, roupas largas e seriam "menos femininas". Dessa forma, essa mesma associação permitiu a criação do termo "sapatilha", relacionando-o a lésbicas identificadas com perfil "mais feminino" e ao calçado reconhecido como integrante do vestuário feminino.

Daí, mais adiante nesse cenário social e cultural, apreendemos que a expressão "sapatão" é usada informalmente para nomear mulheres que têm interesse sexual/romântico por outras mulheres, de modo que *as próprias integrantes desse grupo cultural se autodenominam "sapatões", sem carga negativa alguma, numa seleção lexical menos marcada.*

Maingueneau (*apud* Kronka, em *Éthos Discursivo*, 2008), nesse sentido, explica que:

O enunciador não é um ponto de origem estável que se 'expressaria' dessa ou daquela maneira, mas é levado em conta em um quadro profundamente interativo, em uma instituição discursiva inscrita em uma certa configuração cultural e que implica papéis, lugares e momentos de enunciação legítimos, um suporte material e um modo de circulação para o enunciado.

Claramente vê-se que o percurso de uso indica uma virada. A expressão era negativa (pois portava uma intenção ofensiva), e foi criada com base em um estereótipo de que toda mulher homossexual tinha que se vestir de homem e da crença que elas queriam ser homens, ou eram masculinas por gostarem de outras mulheres. Esse estatuto mudou.

Nesse esteio, observamos ainda a afirmação de "sapa", como redução de "sapata", que, por si, também é redução de "sapatão". Assim, a partir de "sapa", considerando como associação plausível que a própria comunidade de uso faz com "sapo", criam-se extensões como "brejo", que configura um conjunto de "sapas", e "girina", a "sapatão bastante jovem", sem a pejoratividade que marca o início do uso de "sapatão". Essas novas escolhas indicam usos menos marcados e não estigmatizados no grupo, percurso que remete ao termo "veado", também inicialmente com alta carga negativa, e hoje bastante usado não pejorativamente entre grupos diversos.

#### 4. Conclusões

Ainda há muito o que considerar e interpretar, mas já notamos o quão interessante e importante é a análise desses termos dentro de uma cultura, pois esse tipo de estudo amplia a compreensão, tanto para aqueles que transitam dentro da comunidade LGBTQIA+, quanto para os que ainda precisam entender melhor e assim conseguir assimilar o que é parte de quê.

O caráter másculo de "sapatão" contribui para a encenação de uma homossexualidade que foi abraçada como caminho possível para se firmar no discurso e na sociedade, "no sentido de uma prática identitária construída discursivamente", nos termos de Kronka (em *Éthos discursivo*, 2008).

Com nossa observação sobre a resignificação do termo estudado ("sapatão"), confirmamos o dizer de Maingueneau (*apud* Kronka, 2008), segundo o qual o enunciador não é um ponto de origem engessado e nem mesmo estável. O que se encontra é um determinado quadro enunciativo com determinadas condições de produção e um modo de circulação, com cenas enunciativas concorrentes e diversas.

Assim, reitera-se a caracterização da força da cultura na compreensão dos estereótipos e de suas ressignificações (observando os aspectos estruturais, sociolinguísticos, lexicais, as reconstruções de imagem e as implicações ideológicas), bem como a relevância desses estudos para o reconhecimento do discurso de uma comunidade e da própria descrição linguística.

### Referências

BASSO Renato; FERRAREZI JUNIOR, Celso. *Semântica, semânticas: uma introdução*. São Paulo: Contexto, 2013.

DUMARESQ, Leila. O cisgênero existe. *Transliteração*, 2014. Disponível em: <http://transliteracao.com.br/leiladumaresq/2014/12/o-cisgenero-existe/>. Acesso em: 01/10/2020.

MOTTA, A. R. & SALGADO, L. (Orgs). *Fórmulas Discursivas*. São Paulo: Contexto, 2011.

\_\_\_\_\_. (Orgs). *Éthos discursivo*. São Paulo: Contexto, 2008.

MAINGUENEAU, D. *Novas tendências em análise do discurso*. Campinas, Pontes, 1997.